

O LIVRO DIDÁTICO E O PROCESSO DE ESCRITA: ENTENDENDO O OLHAR DO PROFESSOR DO CAMPO EM FORMAÇÃO CONTINUADA NA FUP/UnB

THE TEXTBOOK AND THE WRITING PROCESS: UNDERSTANDING THE LOOK OF THE RURAL TEACHER IN CONTINUING EDUCATION AT FUP/UnB

Paula P. RODRIGUES¹, Rosineide Magalhães de SOUSA²

1 Universidade de Brasília (UnB). e-mail: paularodriguesp@gmail.com.

2 Universidade de Brasília (UnB). e-mail: rosimaga@uol.com.br.

Resum: Este artigo traz uma reflexão pontual sobre livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Básico. Além de outros fatores que permeiam a formação continuada de professores da Educação do Campo de localidades do Centro-Oeste, está a produção de material didático para contextos digitais, para facilitar a interação entre especializandos e professores-pesquisadores. A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2018, na Faculdade UnB Planaltina, em um Curso de Especialização em Língua Portuguesa e contou com a participação dos estudantes desse curso. Para composição de dados, utilizamos a perspectiva etnográfica e netnográfica. Conhecimentos sobre letramentos múltiplos e sociolinguística contribuíram para fundamentar o estudo. Com este artigo, almejamos colocar em tela, uma reflexão sobre formação continuada de professores, que parte de um contexto situacional para uma abordagem mais ampla.

Palavras-chave: Letramento docente. Formação continuada. Sociolinguística. Educação do Campo.

Abstract: This paper brings a punctual reflection on the Portuguese Language textbook of Base Education, in addition to other factors that permeate the continuing education of teachers of Rural Education in Midwestern localities. Among these factors is the production of didactic material for digital contexts, in order to facilitate the interaction between students and teacher-researchers. The research was conducted in the first semester of 2018, at Faculty UnB Planaltina, in a Specialization Course in Portuguese Language and had the participation of the students of this course. For data composition, we use the ethnographic and netnographic perspective. Knowledge about multiple literacy and sociolinguistics contributed to support the study. With this article, we aim to put on screen a reflection on continuing teacher education, which starts from a situational context for a broader approach.

Keywords: Teaching literacy. Continuing Education. Sociolinguistic. Rural Education.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa ocorreu na interação entre professores da Educação do Campo e pesquisadores da linha: Língua, Interação Sociocultural e Letramento, que atuam no grupo (Sócio)Linguística, Letramento Múltiplos e Educação - SOLEDUC, que vem realizando trabalhos de pesquisa nesta seara desde 2011 no *Campus* Planaltina – DF, da Universidade de Brasília - (FUP/UnB).

O contexto de estudo se formou na produção de material didático para o Curso de Especialização *lato sensu* -Língua Portuguesa aplicada ao Ensino Básico, ofertado pela FUP/UnB. A maioria da turma é de professores camponeses e quilombolas egressos do curso de Licenciatura e Educação do Campo – LEdoC, da Faculdade de Planaltina-Universidade de Brasília.

O Curso de Especialização, que conta com 40 professores, começou em 2018 e finalizará no início de 2020. Funciona em regime de Alternância, isto é, a turma estuda a teoria na Universidade durante alguns períodos letivos, a depender da demanda de cada disciplina, e após esses períodos os professores/estudantes voltam às suas comunidades para o Tempo Comunidade-TC e colocam em prática o aprendizado adquirido durante o Tempo Universidade-TU, pois, a maioria da turma atua em sala de aula de suas comunidades e, ao retornarem ao TU, relatam suas experiências vividas durante o TC por meio de protocolos verbais e de outras ferramentas acadêmicas de interação.

Durante esses ciclos alternantes de práticas interacionais, a perspectiva etnográfica nos serve como metodologia à pesquisa, pois, entendemos que por meio da

“distinção dos valores descritos a partir de estudos etnográficos pode-se perceber as práticas sociais situadas” (FIAD, 2017, p. 90) e o compartilhamento das experiências entre cidade e comunidades diversas. Visto que as experiências na formação continuada, na pesquisa e na prática docente se dão de forma natural e fluida, buscando harmonização entre as diferentes culturas desses três universos.

Nesta perspectiva, a harmonização sociocultural é trabalhada no Curso de Especialização com a “[...] etnografia colaborativa na educação [...] muito adequada ao trabalho que se quer desenvolver no projeto de formação continuada, porque formador e professor em formação são parceiros de uma pesquisa e de um projeto de aperfeiçoamento dos atores envolvidos” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 72), tal parceria orienta o professor de Ensino Base a observar se os conteúdos a serem ministrados dos livros didáticos-LDs a serem usados pelos professores e estudantes, atendem às especificidades linguísticas de sala de aula composta de falares rurbanos (BORTONI-RICARDO, 2011). Tal termo define a origem rural de brasileiros que chegam às áreas urbanas trazendo seus falares rurais, e necessitam adaptar-se aos modos urbanos, sob a visão da teoria de contínuo, a autora traça uma linha reta entre dois pontos de variação linguística, sendo que, em uma das extremidades está situada a variedade rural isolada e na outra extremidade encontra-se a variedade urbana padronizada, enquanto que a variedade rurbanda é situada no ponto central dessa linha. É nesse ponto central onde situamos a turma de professores/estudantes do Curso de Especialização, pois,

é sabido que as escolas campesinas estão próximas às escolas da cidade, senão existe proximidade física, esta existe por meio da convivência entre as pessoas campesinas/quilombolas e as pessoas urbanas, e é nesse falar rurbando que está situada a maioria dos discentes do Curso de Especialização.

Das análises dos memoriais e dos protocolos verbais escritos por esses professores-discentes, verificamos questionamentos levantados sobre a escolha, os conteúdos e as abordagens constantes nos livros didáticos (LDs) utilizados por eles em suas respectivas salas de aulas da Educação Básica. Esses profissionais observaram que os LDs são equidistantes das realidades que compõem suas salas de aula. Pois, tais obras se encerram em uma variação linguística urbana centrada no erro e acerto, enquanto que nosso contexto de estudo ao abordar o ensino da língua portuguesa concorda com Mollica (2014, p.10) “[...] a dicotomia certo/errado [...] já não atende às necessidades dos educandos e nem tampouco a realidade linguística do Português do Brasil-PB falado e escrito na sociedade brasileira”. A autora também afirma que, os critérios de economia linguística e de estruturas de menor complexidade são, de longe, as escolhas feitas pelos falantes do PB contemporâneo diante da opção ensinada na gramática normativa e nos atuais livros didáticos inseridos em salas de aula (urbana ou não) pelo Plano Nacional do Livro Didático – PNLN. É nesta práxis que surge a necessidade de reflexão sobre a ação docente, principalmente, nas salas de aula campesinas e quilombolas. O curso de Especialização da FUP/UnB viabiliza esta

reflexão já que está no escopo da formação continuada de professores egressos de Licenciaturas em Educação do Campo.

Também é preciso entender que a responsabilidade de apresentar as práticas sociais das cidades periféricas (letramentos múltiplos) é das escolas das comunidades rurais e urbanas, logo, passa a ser do Estado ao que se refere à formação do professor que irá lecionar nestas salas de aulas.

Será abordado, com brevidade, acerca do posicionamento do Estado, aqui representado na instituição Universidade de Brasília – FUP/UnB, em relação à formação do educador do campo e do educador quilombola. Também são temas deste artigo a influência da modalidade oral na produção acadêmica e os processos virtuais e presenciais de escrita desses professores egressos em formação continuada com base nas premissas do ensino conforme aspectos sociolinguísticos (MOLLICA, 2014) para o grau de especialista.

2. METODOLOGIA

Nossa metodologia é de cunho qualitativo, com mostras de quadros em aspecto quantitativo. Assim, esta pesquisa tem seus dados gerados e coletados em ambiente digital, presencial e virtual, com dados qualitativos na interpretação sociolinguística da escrita e quantitativo na avaliação em tabelas.

Os dados digitais e virtuais foram gerados e coletados em um site na plataforma wix.com.br do grupo de pesquisa do SOLEDUC, <https://soleduc2017.wixsite.com/fupunb>. Nesse site, há uma página voltada para

a divulgação do curso da Especialização em Educação do Campo na área de linguagens: Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico e, compartilhamento de atividades das disciplinas do curso em um *BLOG*.

Para as atividades do tema “Letramentos como prática social” inserido na primeira etapa do chamado Tempo Universidade-TU, no primeiro semestre de 2018, os especializandos iniciaram suas escritas produzindo memoriais e protocolos verbais.

A maior parte dos professores dessa turma de especialização está inserida em sala de aula da Educação do Campo e da educação quilombola. A realidade sociolinguística desses profissionais foi identificada por meio de produções manuscritas e entregues em sala de aula. As produções digitadas (digitais) foram entregues virtualmente por meio do *BLOG* no *site* acima citado e, também para o *e-mail* pessoal da professora-pesquisadora da disciplina. A avaliação foi continuada, as entregas das produções foram quantificadas em tabela de *excel* e a participação e qualificação valorada em categorias adjetivais, também dispostas em tabelas.

3. AS TABELAS

Elaboramos uma tabela modelo, chamada tabela ENEM, com base nos critérios de avaliação das provas de Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a entregamos com as produções escritas depois de avaliadas. Os protocolos foram enviados, pela maioria dos especializandos, em uma postagem de *BLOG* do *site* da Especialização acima citado,

alguns enviaram por *e-mail* para a professora pesquisadora, todos foram avaliados na mesma tabela, o desempenho de envio digital

foi avaliado na linha horizontal de número 14 constante na tabela ENEM. Segue imagem da tabela ENEM:

Universidade de Brasília/UNB
Faculdade UNB Planaltina/FUP

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA ÁREA DE LINGUAGEM: LÍNGUA PORTUGUESA
APLICADA AO ENSINO BÁSICO

COMPONENTE: LETRAMENTO

Professoras: Rosineide Magalhães de Sousa e Paula Rodrigues

AValiação:

Prezado(a) professor(a) e demais estudantes da Especialização,

Esta avaliação tem por objetivo dar um retorno da leitura e das observações realizadas no trabalho desenvolvido por você no Tempo Comunidade-TC, com a finalidade de que você estude pontos problemáticos na produção de texto. O quadro abaixo tem marcações que estão na legenda.

Estudante: Professor Egresso

Aspectos de leitura e de escrita	Memorial	Protocolos verbais escritos	Atividade prática de sala de aula	Observação
Leitura, compreensão e interpretação de textos base em situações	R	O	MB	
Resignificação leitora	O	O	MB	
Poder de síntese	MB	R		
Organização de parágrafos, períodos, orações e frases.	O	B		
Norma monitorada (linguagem acadêmica)	B	MB		
Conhecimento do gênero textual	O	MB		

Relação dos temas dos textos lidos e a realidade social do/a autor/a	B	MB		-Memorial: não conseguiu identificar citações ou menções dos textos lidos
Criatividade	O	O	O	
Uso de conectivos textuais para dar coesão e coerência ao texto	B	R		
Pontuação	B	B		
Ortografia	B	B		
Formatação do texto	MB	R		
Interação no ambiente digital		R		/As atividades não foram postadas no blog
Revisão	R	R		

Sugerimos a reescrita do texto para que sejam feitas as adequações apontadas na avaliação, no memorial e no protocolo.

LEGENDA

- R = razoável
- B = Bom
- MB = Muito bom
- O = Ótimo

Imagem 1: Tabela ENEM entregue a um dos especializandos, alteramos o nome do estudante para preservar seu anonimato.

A avaliação continuada foi feita com base em critérios dispostos nesta tabela que possibilita a visualização da proficiência sobre o conteúdo dos materiais produzidos (memoriais e protocolos). Os critérios da tabela ENEM (imagem 1) se diferenciam por não atribuírem notas em números cardinais às produções escritas, mas sim opiniões expressas em adjetivos e advérbios, a

saber, O- Ótimo, MB – Muito Bom, B – Bom, R – Regular, em seguida foram inseridas sugestões em um campo abaixo da tabela no intuito de estimular a reescrita, esse ponto serviu para reflexão acerca da importância do letramento e do livro didático em salas de aula dos diferentes níveis de formação e tipos de letramento.

Os dados coletados a partir das

observações dispostas na tabela ENEM impulsionaram a pesquisa para a formação de um novo *corpus*, que consiste na necessidade de quantificar, na escrita, as ocorrências e as coocorrências de terminologias simples e complexas que sofriam forte influência das modalidades de fala dos professores, esses dados foram usados para desenvolver métodos de ensino e aprendizagem que possibilitaram a harmonização entre sistemas linguísticos, isto é, o rurbano (salas de aula de Ensino Base e da Especialização) e o urbano (LDs e cidades). Um desses métodos foi o mapa conceitual ensinado em sala de aula e, posteriormente usado pelos especializandos em suas salas de aulas de Ensino Básico-EB.

A avaliação continuada também foi feita por meio de produções de Mapas Conceituais-MCs para a harmonização linguística. Após aplicados os MCs, em sala de aula, dessa pós-graduação, foi sugerido aos professores que aplicassem essa metodologia em suas salas de aula de Educação Básica, e, que a partir dessas experiências fossem produzidos protocolos verbais pelos estudantes, discorrendo sobre a experiência de aprender com o uso de MCs e que essas experiências, por sua vez, fossem compartilhadas na sala de aula da pós-graduação por meio de protocolos verbais postados no *BLOG* da turma de Especialização. Também foi solicitado aos discentes do curso que escrevessem memoriais produzidos com base em suas carreiras e vidas acadêmicas. Eles tinham liberdade para fazer relatos sobre suas vidas pessoais no memorial, desde que a vida acadêmica estivesse presente em sua produção escrita, assim

poderíamos diagnosticar diferentes aspectos socioculturais presentes em nossa sala de aula. É importante ressaltar que esses memoriais foram manuscritos e entregues pessoalmente para a professora regente.

Para controle dos dados quantitativos das produções, criamos duas pastas no *Excel* e inserimos os dados das produções escritas. A tabela I, foi chamada de Memoriais e Protocolo M&P, nela foram denominadas colunas com: (i) os aspectos de leitura avaliados na tabela ENEM e suas respectivas notas, para tal, demos valores aos adjetivos anteriormente mencionados que foram inseridos na tabela ENEM; (ii) observações pertinentes quanto às particularidades de cada coluna. A segunda pasta, chamamos de Turma - Rel M&P entregues, nela contem colunas com: (i) os nomes dos cursistas; (ii) quantidade de protocolos e de memoriais entregues; (iii) atividades avaliativas (mapas conceituais, protocolos verbais e memoriais) apresentadas ora nos protocolos ora nos memoriais; (iv) se a atividade apresentada foi em grupo ou se foi individual.

O objetivo dessas tabelas é mostrar em quantidade quais pontos de escrita precisam ser trabalhados no próximo TU, com o fim de identificar as inadequações escritas e propor aula(s) voltada(s) para as práticas de letramento por meio da reflexão sobre a escrita, usando abordagens sociolinguísticas e socioterminológicas (MCs) para produção em sala de aula.

Para perceber e harmonizar os pontos de inadequação linguística na escrita, usamos um mapa conceitual impresso com os movimentos epilinguísticos:

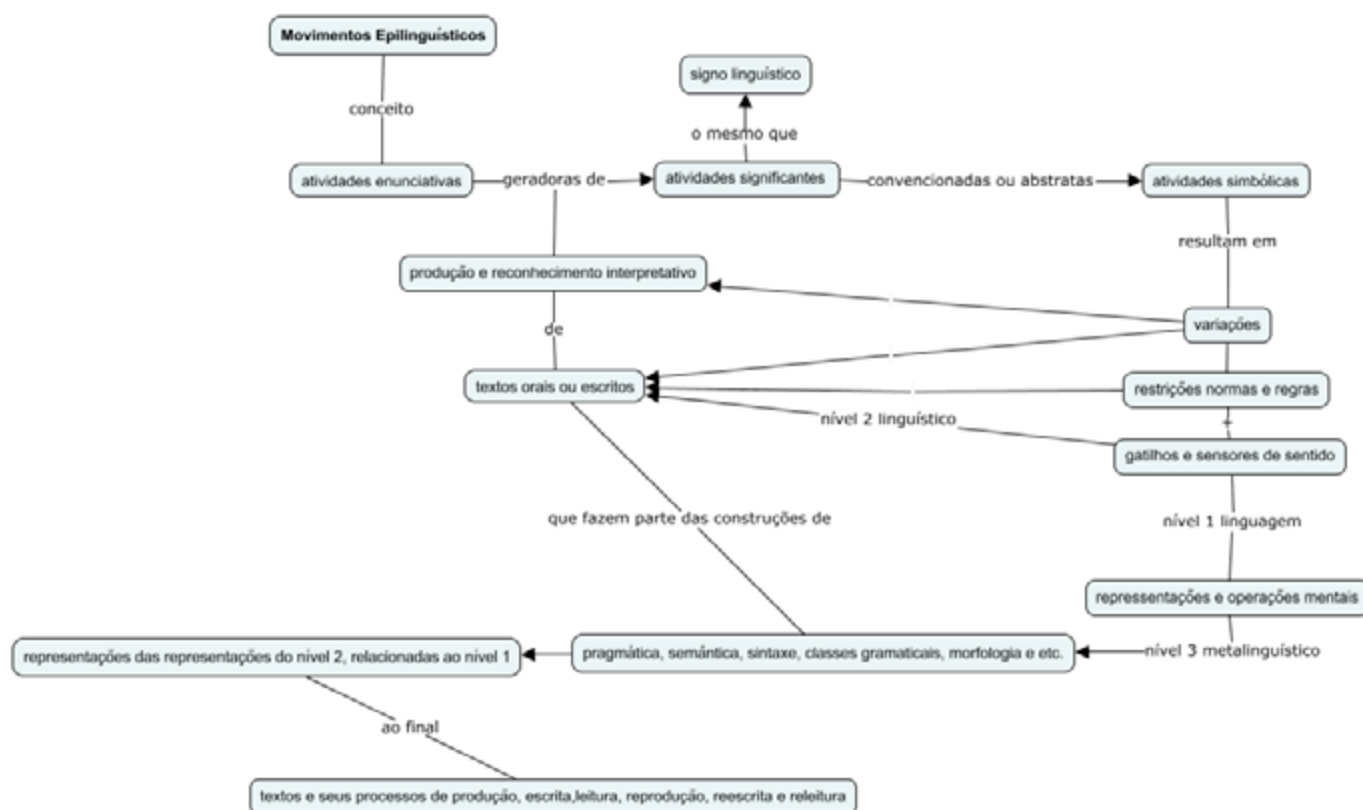


Imagem 2: Mapa Conceitual sobre os movimentos epilinguísticos apresentado em sala de aula e entregue para os estudantes

Foram produzidos, no quadro negro, outros dois MCs com duas entradas: eleições e milho (palavras indicadas pelos professores da Especialização, tendo em vista experiências daquele momento), a partir dessa prática, os especializando receberam uma lista com categorias gramaticais que deveriam ser trabalhadas por eles em suas salas de aula, para que pudessem harmonizar, não apenas as inadequações gramaticais diagnosticadas em suas produções escritas (manual e digital) e dispostas nas tabelas avaliativas, mas também, aquelas que porventura fossem inadequações de seus alunos no Ensino Básico.

Para realizar essas orientações,

as pesquisas etnográficas usadas como metodologia funcionaram como forte instrumento na mudança de perspectiva para uma metodologia de ensino que objetiva o sucesso do binômio ensino e aprendizagem. Pois, é por meio dessa abordagem que a maior parte das pesquisas se realiza e não apenas se concretiza, mas também ganham vida em substantivos próprios.

3.1. O site, o whatsapp ... O ensino e a escrita virtual e física por meio do livro didático e os aplicativos nas escolas camponesas

3.1.1. O site

No *site* do grupo Sociolinguística, Letramentos Múltiplos e Educação-SOLEDUC foi feita uma página (*BLOG*) voltada para a interação em ambiente virtual, que tem como objetivo a formação virtual/digital do professor do campo, foi nessa página que os cursistas, a maioria deles, pela primeira vez, fizeram uma postagem em um *BLOG*.

Foi designado a eles, pela professora regente, a leitura da obra **Por que a escola não ensina gramática assim?** Organizado por Stella Maris Bortoni- Ricardo e Rosineide Magalhães de Sousa, Veruska Ribeiro Machado e Vera Lucas Freitas (2014)³ e a partir dessa leitura, foi-lhes solicitada a produção de um protocolo verbal a ser postado no *BLOG*.

A pesquisa se iniciou nas postagens dos protocolos verbais no *BLOG*, pois, desde esse momento, começa-se a analisar as práticas sociais em enquadres digitais para o letramento de categorias educacionais virtuais e presenciais. Sendo finalizada a produção do *BLOG* (diário *online*)⁴ em parceria, isto é, estudantes em sala de aula em seu primeiro TU e professora-pesquisadora trabalharam na diagramação da página de interação virtual, a plataforma de bate-papo (*BLOG*) foi desenvolvida no escopo da sociolinguística interativa digital.

3.1.2. O *whatsapp*

As produções dos protocolos e suas postagens foram auxiliadas via aplicativo

whatsapp, pois, para alguns dos atores sociais (especializando e professora mediadora), a comunicação por esse aplicativo é a que possui maior interação em seu dia a dia, pois, aceita uma escrita com baixo nível de monitoramento facilitando o estabelecimento de vínculos. Concordamos com Kozinets, (2014, p. 52) ao definirmos o escopo de nossos participantes.

Na análise de rede sociais existem duas principais unidades de análise: “nodos (atores sociais) e “vínculos” (as relações entre eles). Uma rede é composta de um conjunto de atores ligados por um conjunto de laços relacionais. Os atores, ou “nodos”, podem ser pessoas, equipes, organizações, ideias, mensagens ou outros conceitos.” (Destques em aspas do texto original).

Além disso, segundo levantamento feito a partir de comentários dos especializando durante as orientações via *whatsapp*, o aplicativo é considerado por alguns destes atores como um mediador de uma conversa presencial, além do que é possível se comunicar por vídeo e/ou áudio (o que dribla a necessidade da leitura e escrita), e também há a possibilidade de inserir *emoticons* e imagens fotografadas durante a conversa.

Por meio da observação participante e a partir dos dados conversacionais e

3 Referência completa da obra está nas referências finais deste artigo.

4 É de conhecimento comum dos navegantes da rede mundial de computadores-*Internet* que o termo *BLOG* é derivado da unidade termonológica complexa (UTC) em inglês WEBLOG, que por sua vez, é a justaposição dos termos: (i) *web*- sinônimo de *site* + (ii) *log* designado para estar *online*, isto é, *weblog* quer dizer estar online na web. Pelo fenômeno linguístico da supressão, já há alguns anos, é falado apenas *BLOG*.

observáveis gerados nas orientações entre professora mediadora e especializando para a produção e postagens dos protocolos verbais por meio do aplicativo, foram formados os “Perfis tecnológicos sociais” (Kozinets, 2014, p. 48) enquanto que o levantamento dos dados *online* foi realizado no escopo da netnografia nos conceitos de Kozinets (2014).

1.1.3. O ensino e a escrita virtual e física: o livro didático e os aplicativos nas escolas campesinas

Por meio das produções escritas (protocolos e memoriais), foi possível observar que mesmo tendo como um dos critérios avaliativos a gramática normativa, a maior parte das escritas se aproximou da variedade rurbana⁵ (BORTONI-RICARDO, 2011) falada pelos autores. Citaremos dois trechos dos protocolos entregues para avaliação do tema “Letramento como Prática Social” do primeiro módulo do ano de 2018 do curso de especialização *lato sensu* FUP, esses trechos foram escritos por dois cursistas que chamaremos de professores egressos da Licenciatura e Educação do Campo-LEdoC/FUP/ UnB na intenção de preservar-lhes a identidade, além de ser esta a forma como os Ledoquianos (licenciados pela LEdoC-FUP/UnB)⁶ em formação continuada são chamados no campus FUP/UnB:

- Professor egresso I (2018): “O que me faz... remete ao currículo da escola a qual estamos inseridos, e temos o desejo de

um dia dela sermos efetivos [...]”;

- Professor egresso II (2018): “Meu planejamento é muito simples faço diariamente [...] eu... receber alunos alfabetizados e não alfabetizados... acho mas fácil trabalhar com o diário porque faço um plano mais ... devido à dificuldade de alguns alunos [...]”

Em ambos casos podemos perceber a intencionalidade dos professores egressos de aproximarem suas escritas às normas gramaticais estabelecidas como critério para a avaliação. No entanto, é notável que a variedade rurbana exerce forte influência em suas escritas. Principalmente no que se refere aos aspectos morfossintáticos e semânticos, neste ponto concordamos com Sousa e Machado (2014) ao discorrerem sobre as diferentes possibilidades de retomadas dos temas do texto por léxicos que já foram referenciados ou correferenciados, tanto na modalidade escrita, quanto na modalidade oral do português brasileiro, por isso, as autoras defendem intervenções pontuais na abordagem do ensino de diferentes elementos constantes na gramática normativa.

Desta forma, entendemos a influência da fala na escrita como manifestação de um dos fenômenos característicos da mobilidade social que a língua confere, concordamos com Fiad (2007, p. 95) ao discorrer sobre as afirmações de Lillis (2003) acerca dos dois níveis de diálogo na concepção de Bakhtin (1984), sendo o primeiro nível de diálogo aquele que faz parte da natureza humana,

5 “[...] da teoria de contínuo a autora traça uma linha reta entre dois pontos de variação linguística, sendo que, em uma das extremidades está situada a variedade rural isolada e na outra extremidade encontra-se a variedade urbana padronizada, enquanto que a variedade rurbana é situada no ponto central dessa linha[...] Rodrigues e Sousa (2019, p. 3)”

6 Licenciatura e Educação do Campo-LEdoC – Faculdade de Planaltina/Universidade de Brasília-FUP/UnB

e o segundo nível impulsionado pelo diálogo ideal a ser alcançado subdividido em forma centrífuga (discurso interno, persuasivo) e força centrípeta (discurso autoritário), com base em Fiad (2007, p. 95), “Esse segundo nível de diálogo, então, contrasta com a concepção de monólogo que está presente na maioria das práticas de escrita de estudantes na academia.” e por isso é notório a ação da força centrífuga nas escritas dos pós-graduandos.

Deste modo, entende-se que, não apenas a escrita, como também a avaliação feita pelos cursistas da Especialização acerca dos livros didáticos-LDs de Ensino Base em escolas campestinas esteja permeada das forças centrífuga e centrípeta que norteiam seus discursos ao fazerem a análise sobre tais conteúdos. Assim, concordamos com Lillis (2003, p. 192) ao apresentar tais forças de Bakhtin “[...] the former being the drive to impose one version of truth, the latter involving a range of possible truths and interpretation.”⁷

Os protocolos produzidos pelos professores egressos trouxeram diversos temas sobre os anos iniciais da Educação do Campo, no entanto a maior recorrência de queixas é com relação à insatisfação referente aos conteúdos abordados nos LDs adotados pelas escolas campestinas, em que o entendimento das variedades linguísticas existentes entre campo e cidade é pouco ou nenhum, principalmente no tocante as variações linguísticas.

Nos relatos dos memoriais, a queixa também não é diferente, as produções

sempre estão norteadas pela insatisfação dos professores egressos em relação aos conteúdos dos LDs, por terem um letramento autônomo sobre o que é característica sociocultural de sua comunidade e o que não o é, a queixa comum a todos é que a realidade inserida no LD disponível para a sala de aula é distante da realidade sociolinguística e cultural vivida pelos alunos. O que leva ao diagnóstico de que a produção dos LDs não é pensada para as especificidades linguísticas campestinas/quilombolas, pois, os LDs para ensino da língua portuguesa pouco ou quase nada distinguem fala e escrita, e, são carregados do conceito certo e errado trazidos pela gramática normativa, quase sempre ignorando as variações linguísticas necessárias para o entendimento de si mesmo e de sua cultura.

Os professores campestinos fazem uso da variação rurbana (já citada neste artigo). No momento em que o Estado exerce a força centrípeta na produção e distribuição dos LDs desenvolve um filtro afetivo (KRASHEN, 1985) diante da aprendizagem da modalidade escrita da língua portuguesa, a teoria desse autor afirma que fatores afetivos são fundamentais para a aprendizagem e um alto filtro afetivo aumenta a distância entre campestinos/quilombolas e urbanos.

A análise relevante a ser feita é acerca da realidade sociocultural das pessoas que vivem em Comunidades Remanescentes Quilombolas-CRQs, forçadas, eventualmente, a irem às cidades na intenção de sanar dificuldades de diversas ordens.

7 Tradução nossa: Lillis (2003, p. 192) “[...] sendo o primeiro o impulso de impor uma versão da verdade, o último envolvendo uma série de possíveis verdades e interpretações.”

Sob a perspectiva do que se ensina nos LDs, observando as dificuldades apresentadas pelos professores egressos através dos relatos de seus alunos de Educação Base acerca das práticas educacionais, pode-se afirmar a possibilidade de vir a faltar-lhes o letramento em relação às práticas socioculturais da cidade. E como consequência a falta de empoderamento diante da autenticidade inerente à variedade falada na sua origem, segundo os memoriais e os relatos feitos em sala de aula durante as aulas de letramento. Ao faltar-lhes algum dos letramentos comuns às escolas urbanas, estas pessoas tornam-se alvos constantes de preconceito linguístico e marginalização social.

A universidade, ao receber esses estudantes, tem importante papel de conscientizá-los da importância de retornar com o aprendizado adquirido nos bancos acadêmicos para as comunidades depois de formados. Isto é, possibilitar o letramento social desses agentes educacionais para a valorização de suas terras, e, principalmente, valorização de sua cultura de narrativas e de plantio forja uma armadura de letramento contra a exclusão social e ajuda a combater o êxodo campesino e quilombola. Ou seja, o ensino da variação linguística e de linguagens lhes proporciona ferramentas discursivas que valorizam e entendem suas terras e práticas sociais como riqueza nacional, as ciências da natureza os ensinam as diversas teorias acadêmicas que corroboram para suas práticas já existentes no campo e proporcionam-lhes melhorias sobre suas tecnologias de plantio, conhecimentos herbário e de saúde comunitária.

O que nos leva a algumas indagações quanto à formação superior do professor campesino e do professor quilombola na Universidade de Brasília: (i) O Estado considera as pesquisas etnográficas para embasar a produção de livros didáticos voltados para o letramento das práticas sociais das comunidades e das cidades periféricas a elas? (ii) Os LDs usados nas escolas quilombolas abrangem as práticas sociais situadas nas cidades e as práticas sociais situadas nos quilombos e escolas do campo? (iii) Cada quilombo tem seu próprio letramento, ora de narrativas, ora de contação de histórias, ora de parteiras, ora de benzedeadas, ora de cantos e festas católicas, estas particularidades são vislumbradas pelos LDs escolhidos pelo Estado para compor a lista com os livros que irá ser escolhida pelas escolas? (iv) Os professores que ali ministram as aulas e são os agentes responsáveis por estas escolhas estão sendo capacitados para fazê-las de forma consciente, e se preciso for, fomentarem materiais extra livros para sanar eventuais déficits destes LDs?

Essas questões, que vêm da reflexão dos especializandos, faz-nos perceber a importância e o significado que tem a força centrífuga do letramento para a reflexão sobre a ação de ensinar a escrita acadêmica, respeitando os fatores aprendidos e ensinados pelo letramento social e escolar particular de cada comunidade:

São princípios decorrentes de uma atitude etnográfica que vão na contramão do que é tradicionalmente esperado com o

ensino de escrita acadêmica, em que só um lado – o das convenções e padrões hegemônicos – tem seu lugar. Nessa perspectiva etnográfica, a voz do outro, do aluno, pode abrir possibilidades no ensino além daquelas que as análises dos textos dos alunos possibilitam (FIAD, 2017, p. 96).

Orientar os professores egressos com base em seu “conhecimento linguístico levará em conta, por meio de pesquisas etnográficas, a prática sociolinguística do aluno” (FIAD, 2017, p. 86). Observar e valorizar o objetivo comum que esses profissionais trazem e demonstram com suas ações em salas de aula de Educação Base e, enquanto professores em formação continuada, torna tácito o letramento voltado ao convívio social. Isto é, levar o ensino por meio de diferentes ações educacionais em interação com os membros da comunidade.

Em seus memoriais esses professores discorreram sobre feiras artesanais, projetos de luz comunitária e a produção de Mapas Conceituais-MCs produzidos para a harmonização entre a variação urbana ou rural falada em suas comunidades e os conteúdos constantes nos Livros Didáticos-LDs oferecidos pelo Estado. Tal ação traz significado pungente a palavra Letramentos (no plural!).

A maioria das sociedades se move por paradigmas, pois, a escrita é a personificação dos paradigmas sociais existentes. Segundo Sousa (NO PRELO, p.3) com base em Hymes (1974) “[...] as questões linguísticas são sociais

e as sociais são linguísticas [...]”. Por esse prisma, nas comunidades quilombolas, a questão do ser letrado, no lugar de aproximar, muitas vezes distancia os jovens da família e das pessoas que vivem nas comunidades. Visto que o letramento escolar e acadêmico pode distanciar as pessoas no sentido de experiências de letramentos que são diferentes. Por isso, o letramento para o retorno à comunidade com os conhecimentos adquiridos, considerando os saberes culturais dos camponeses e quilombolas, em harmonização, são fundamentais para que haja o pertencimento. Assim, os dados de pesquisa revelam o incentivo à luta por escolas de Ensino Médio em muitas comunidades camponesas, pois, são poucas as comunidades que têm escolas de Ensino Médio. Daí por que os adolescentes dessas comunidades precisam ir para as cidades a fim de continuarem seus estudos.

Ao chegarem às escolas urbanas, os estudantes do campo comumente dão continuidade em suas vidas escolares tendo que trabalhar como empregados domésticos em casas de famílias para ter acesso às escolas, e, por meio de relatos nos memoriais e em salas de aula da pós-graduação fica evidente que assim começa a marginalização escolar, social e o preconceito linguístico. Pois, sem ter sido feita, nos anos iniciais, a harmonização entre as duas modalidades da língua portuguesa (oral e escrita) os alunos e professores camponeses e quilombolas sofrem com a estigmatização linguística.

No texto de Fiad (2003), ela expõe a importância de usar a etnografia como metodologia para perceber a historicidade

dos dados. Ela afirma que no estudo do texto é possível perceber a necessidade de ações para a não polarização das diferentes formas de ensinar: inserindo os múltiplos letramentos desde os anos iniciais, até a formação continuada.

3. CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUAR A REFLEXÃO...

Neste artigo, abrimos margem à reflexão sobre estratégias didáticas que foram utilizadas para formação continuada de professores do campo e de comunidades quilombolas por meio de um Curso de Especialização. Essas estratégias que envolveram letramentos múltiplos e recursos digitais proporcionaram aos especializados demonstrar sua insatisfação com o livro didático utilizado por eles nas escolas do campo do Ensino Básico. Além disso, a pesquisa proporcionou a eles a escrita de protocolos verbais de livros estudados para sua formação docente que os levaram a refletir sobre suas experiências pessoais e profissionais, bem como os memoriais que também registraram essas experiências.

Na interação entre professora-regente, professora-pesquisadora e especializandos, houve a necessidade de buscar mais recursos para que essa interação fosse mais satisfatória, por causa das dificuldades que a maioria dos especializandos demonstravam em acessar o *BLOG* do SOLEDUC para postar seus trabalhos.

Essa experiência da pesquisa com os especializandos em Língua Portuguesa para o Ensino Base, na formação continuada de professores, mostra que essa formação é complexa por vários fatores:

- 1) o trabalho com Língua Portuguesa envolve letramentos múltiplos;
- 2) os conhecimentos de sociolinguística são importantes para o letramento escolar e deve vir bem abordado no livro didático de Língua Portuguesa;
- 3) a produção de material didático não pode ser pensada sem os professores;
- 4) a cultura, a identidade, a memória e o perfil sociolinguístico de professores, estudantes e formadores de professores são essenciais como temas pedagógicos na formação continuada de professores;
- 5) é urgente o acesso ao mundo digital por muitos professores para o exercício de sua profissão;
- 6) a formação continuada deve envolver a pesquisa na perspectiva etnográfica;
- 7) livros didáticos contextualizados à realidade social do campo e da cidade são uma preocupação dos professores em formação continuada do Curso de Especialização da FUP.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (1981). Discourse in the novel. In M. Holquist (ed.) *The Dialogic Imagination. Four Essays by M.*
- BAKHTIN, M. (trans. C. Emerson and M. Holquist). Austin, TX: University of Texas Press. Bakhtin, M., (1984). *Problems of Dostoevsky's Poetics*(trans. C. Emerson). **Minnesota: University of Minnesota Press.**
- BAKHTIN, M. (1986). The problem of speech genres. In C. Emerson and M. Holquist (eds) **Speech Genres and Other Late Essays** (trans. V.W).
- FIAD, Raquel Salek. Writing teaching and research: academic literacy and ethnography. **Revista do GEL**, v. 14, n. 3, p. 86-99, 2017. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/> Acesso em: 07 de maio de 2017.
- JÓFILI, Zélia. "Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola. **Educação: teorias e Práticas.** Universidade Católica de Pernambuco. Ano II 2 (2002).
- KRASHEN, S. (1985). **The Input Hypothesis: issues and implications.** 4. ed. New York, Longman.
- KOZINETS, Robert. V. **Netnografia:** Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Editora Cortez, 1990.
- LILLIS, T. Student Writing as Academic Literacies: Drawing on Bakhtin to Move from Critique to Design. **Language and Education**, v. 17, n. 3, p. 192-207, 2003.
- MACHADO, Anna Rachel. Revisitando o conceito de resumos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino.** São Paulo: Parábola, 2010. p. 149-162.
- O NOME DA ROSA.** Direção: Matt Ross. Produção: Monica Levinson, Jaime Patricof, Shivani Rawat, Lynette Howell, Taylor. Estados Unidos: Bleecker Street, 2016, 1 DVD.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.* São Paulo: Parábola, 2009.
- SOUSA, Rosineide Magalhães; ARAÚJO, Ana Cristina. Introdução. In: SOUSA, Rosineide Magalhães; MOLINA, Mônica Castagna; ARAUJO, Ana Cristina. **Letramentos múltiplos e interdisciplinaridade na Licenciatura em Educação do Campo.** Brasília: Universidade de Brasília – DEX, 2016.
- _____; MACHADO, Veruska Ribeiro. Coesão referencial: aspectos morfossintáticos e semânticos. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris.

SOUSA, Rosineide Magalhães. FREITAS, Vera A. de L., MACHADO, Veruska Ribeiro. (Orgs). **Por que a escola não ensina Gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014, pp. 19-44.

_____; Práticas de letramento: produção textual coletiva na formação do docente do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão (Orgs.) **Licenciatura em Educação**

do Campo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, pp. 275-288.

_____; **Socioletramento:** Experiências na formação da licenciatura em educação do campo (No prelo).

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.